



# XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil



## A concepção de cena política no liberalismo, no marxismo e na teoria das elites.

Ana Luiza Roda Reis\*, Armando Boito Jr.

### Resumo

A presente pesquisa de iniciação científica visou estudar como três correntes do pensamento (liberalismo, marxismo e teoria das elites) concebem a cena política.

### Palavras-chave:

Liberalismo, marxismo, teoria das elites, cena política.

### Introdução

A presente pesquisa é teórica e seu objeto é o conceito de cena política. Realizamos tal estudo dentro da modalidade pesquisa bibliográfica, analisando a concepção de cena política em três correntes de pensamento: o pensamento liberal, a teoria política marxista e a teoria das elites. Para essas três correntes teóricas, consideramos tanto estudos clássicos de cada uma delas, como aqueles realizados por autores como John Stuart-Mill e Karl Marx, quanto os desenvolvimentos contemporâneos: o liberalismo de John Rawls, o marxismo de Gramsci e o neoelitismo de Schumpeter. Interessou-nos, particularmente, verificar se tais correntes estabelecem laços de representação entre os atores da cena política e os diferentes segmentos existentes na sociedade e, em caso afirmativo, como caracterizam tais atores e segmentos e que tipo de vínculo estabelecem entre uns e outros.

### Resultados e Discussão

Em relação ao pensamento liberal, iniciamos a presente pesquisa com a leitura dos iluministas Condorcet (*“Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano”*) e Paulo Rouanet (*“As razões do Iluminismo”*). Segundo o primeiro autor, aqui em síntese, o conhecimento humano acumulado pelas sociedades é algo ascendente e se constitui na dinâmica que conduz a história. Assim, as civilizações passam gradativamente de estágios inferiores a superiores à medida que a razão articula e impulsiona os conhecimentos dos seres humanos, e cabe àqueles que cultivam sua razão pelo estudo e meditação acelerar os progressos do espírito humano. Segundo Rouanet, em síntese, existem esferas da vida social que transcendem a razão, como a pátria, a religião, a família e o Estado. Nesse sentido, o autor se opõe ao Iluminismo clássico, mas não se opõe à razão, apenas reconhece seus limites. Após isso, estudamos a obra *“O liberalismo político”*, de John Rawls. Para o referido autor, o indivíduo é concebido como um ser racional, livre e capaz de ter consciência acerca da realidade social em que vive e optar pela melhor doutrina abrangente que melhor lhe convier. Independentemente da doutrina que adotar, existirá uma doutrina comum centralizadora (cultura política pública) que irá conectar todas as doutrinas razoáveis abrangentes e irá representar os interesses humanos comuns. Em relação à teoria política marxista, estudamos *“O dezoito de Brumário de Luís Bonaparte”* (de Karl Marx) e o volume III dos *“Cadernos do Cárcere”*, de Antonio Gramsci.

Em relação à teoria das elites, estudamos a obra *“Capitalismo, socialismo e democracia”*, de Joseph Schumpeter.

Finalmente, em relação à homologia, ou seja, à semelhança formal que consideramos existir entre o sonho e a cena política, estudamos as obras *“Sobre os sonhos”* (de Freud) e *“Sociedade de transição: luta de classes e ideologia proletária”* de Charles Bettelheim e Paul Sweezy.

### Conclusões

Embora as correntes do pensamento aqui estudadas concebem a cena política de modos diferentes entre si, as três possuem em comum a ideia da cena política se referir a uma esfera da vida social que concentra o processo político. Em relação ao pensamento liberal, segundo Rawls, os atores da cena política são o que dizem ser e há total equivalência entre seus discursos e suas práticas. Isso significa que a cena política não consiste em uma realidade opaca que mascara os reais objetivos dos atores: os conflitos existentes se resumem ao plano das ideias e não chegam ao nível de questionar a estrutura social. Logo, a cena política para Rawls é o espaço em que os atores interagem representando (de fato) os diversos segmentos da sociedade. Já segundo Freud, o indivíduo não é senhor de si no sentido de não conseguir controlar seu inconsciente, seus impulsos e seus desejos. Por tanto, para esse autor o indivíduo não é considerado um sujeito consciente e livre. No entanto, num contexto de análise terapêutica, o indivíduo pode vir a ser senhor de sua própria mente. Há nesse sentido uma semelhança entre a concepção de sujeito para Freud e para Marx (na obra *“O dezoito de Brumário de Luís Bonaparte”*): Marx também não concebe o sujeito como um indivíduo consciente e livre, pois este percebe o mundo por meio da ideologia, que é uma representação deformada da realidade. Nesse sentido, para Marx, a representatividade (entre atores da cena política e setores sociais) existe. No entanto, ela não é clara e não acontece aos moldes do que é enunciado na cena política, pois esta é opaca e dissimula os reais interesses, que são de classe. Finalmente, para a teoria das elites, não é possível haver representatividade entre atores e setores sociais, pois a massa é caracterizada pela irracionalidade e incapacidade de se fazer representada.

### Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, o professor Armando Boito Jr, pela infindável paciência e atenção em me ensinar e me mostrar que se os autores de nossa vertente doutrinária devem ser levados a sério, os autores das correntes opostas devem ser levados ainda mais.